

NOTAS SOBRE A DINÂMICA DO CAPITAL NO COMPLEXO DA SOJA *

Júlia Adão Bernardes **

Antonio Alves da Silva ***

ABSTRACT

This work intends to analyse the spatial results obtained by the introduction of new techniques by the soybean agro-industry in the Rondonópolis region (Mato Grosso State). Many radical transformations can be observed as the interaction of many new productive activities. Besides the expansive characteristic of the soybean production, it is presenting a new articulation with different productive circuits. This new reality creates social divisions that involve much competition, transforming the previous existing social order.

The region proves to have the capacity of absorbing new scientific research and qualified workers, together with important communication facilities. All this happens due to the efficiency of free enterprise and its incredible force to change the environment, transforming the whole region by introducing new tendencies, changing the division of work and giving the area a very dynamic reality.

INTRODUÇÃO

As novas formas de organização econômica do território que vão se instituindo neste final de século, com base nas novas tecnologias, são indicativas do fortalecimento do processo de hierarquização dos investimentos, da concentração de riquezas, da maior seletividade dos espaços produtivos, da organização das "zonas especiais" de desenvolvimento econômico (OMHAE, 1994) e, conseqüentemente, da maior concentração do desenvolvimento social, aumentando ainda mais o apartheid tecnológico entre regiões pobres e ricas do planeta, acentuando cada vez mais a tendência histórica para a diferenciação espacial em todas as escalas (SMITH, 1988). "São desigualdades de um tipo novo, já por sua constituição, já por seus efeitos sobre os processos produtivos e sociais" (SANTOS, 1994:51).

Nesta fase histórica, sob o impulso de novos sistemas técnicos que aceleram o processo de desigualdade, novos fatores influenciam no processo de reprodução do capital, à medida que as informações, a tomada de decisões, a circulação de mercadorias e de capitais são mun-

* Pesquisa financiada pelo CNPq.

** Professor Adjunto do Departamento de Geografia.

*** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

dializadas, assim como as expectativas de realização humana, o que entra em contradição com a dinâmica, hoje também acelerada, de exclusão/inclusão das forças sociais. Nesse contexto o espaço é requalificado, segundo os interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade (SANTOS, 1994).

Os objetivos da acumulação transformam todas as relações humanas em mercadorias, agilizando a circulação em todos os níveis da existência humana, conferindo cada vez mais às técnicas da informação a capacidade de interação entre os lugares e a instantaneidade das decisões. Para SANTOS (1994), a instantaneidade das informações globalizadas, aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria entre os lugares e acontecimentos uma relação unitária na escala do mundo.

Entretanto, para que essa relação se concretize, é necessário a capitalização do espaço, sintonizando expectativas e possibilidades, o trabalho de homens e máquinas, a produção e o consumo e, com isso, todas as relações sociais. O capital só pode reconstituir-se satisfatoriamente quando todas as expectativas de realização humana se capitalizam, ou seja, com a monetarização da vida em todas as escalas, passando o dinheiro a ser o elo de ligação entre todas as coisas.

Sob o fetiche do dinheiro, o homem perde a dimensão de si mesmo, tornando-se cada vez mais pobre enquanto homem, precisando cada vez mais do dinheiro para apossar-se das coisas, porém o poder do seu dinheiro diminui em relação inversa ao volume da produção de mercadorias (MARX, 1978), tornando-o um escravo moderno do sistema capitalista. Como o capitalismo só se realiza através da reprodução ampliada do capital, a permanência desse escravo moderno no sistema dependerá da sua condição de ser economicamente viável ao sistema, caso contrário sua exclusão é inevitável.

Na era tecnológica contemporânea a práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade. Nestas circunstâncias, "o mundo que se manifesta ao homem na práxis fetichizada, no tráfico e na manipulação não é o mundo real, embora tenha a "consistência" e a "validade" do mundo real: é "o mundo da aparência" (MARX, in KOSIK, 1995: 19).

Nesse sentido, o desenvolvimento tecnológico, que é contínuo (LANDES, 1994), parece encerrar em si mesmo a capacidade de transformar e ampliar os espaços produtivos e soci-

ais, implicando em maior centralização do exercício decisório e controle da totalidade do processo de reprodução do sistema capitalista, subordinando as demais decisões, imprimindo maior dinamismo à estrutura produtiva, contraindo o tempo de produção e acelerando o processo de transformação do espaço de forma seletiva. “Assim, a inovação e a mudança técnica explicam em grande parte a produção do espaço, o que nos remete às relações sociais responsáveis pela produção e reprodução desse espaço” (BERNARDES, 1997:1).

Com a introdução de novas tecnologias, reestruturam-se continuamente os espaços da produção, exacerbando-se as especializações produtivas, modificando-se as relações de produção, especialmente as relações de trabalho, estimulando a concorrência entre os trabalhadores, enfraquecendo, assim, sua organização coletiva, tornando-os mais vulneráveis à manipulação por parte dos capitalistas, em geral ocorrendo a redução da participação dos custos do trabalho no total dos custos da produção, resultando na queda do salário real.

É nesse contexto de reestruturação geral do sistema capitalista, de esgotamento do fordismo e de emergência de novos padrões tecnológicos, que podemos compreender a reestruturação do espaço produtivo que vem se configurando no cerrado matogrossense, impulsionado pela dinâmica de reprodução do capital no complexo da soja e, a partir deste, apreender a nova organização da sociedade e as novas relações emergentes, onde o antigo conceito de identidade territorial ou cultural vai aos poucos cedendo espaço ao novo conceito de identidade econômica, deslocando a noção de local para a de mundial, através da auto-realização econômica e social (GIDDENS, 1991).

Nessa corrida sem ponto de chegada à procura de um lugar no sistema capitalista na sua dimensão contemporânea de mundialidade, a busca dessa nova identidade econômica se materializa na capacidade de acumulação, fazendo com que o espaço recentemente ocupado por novas e dinâmicas atividades do complexo sojífero do cerrado matogrossense, se transforme num espaço altamente capitalizado, acelerando-se o movimento que torna esse local individualizado, enquanto espaço concreto da produção, porém simultaneamente socializado no âmbito da mundialidade, enquanto sistema de produção e circulação, fazendo com que “a cada momento, mudem juntos o tempo, o espaço e o mundo” (SANTOS, 1994:41).

Segundo KOSIK (1995), cada coisa sobre a qual o homem concentra o seu olhar, a sua atenção, a sua ação ou a sua avaliação, emerge de um determinado todo que a circunda, consistindo o conhecimento na decomposição desse todo através do método dialético, para que

possamos descobrir a natureza do nosso objeto de estudo. Esse é o caminho seguido por esta investigação, que compreende o espaço do complexo sojífero matogrossense como um produto da reestruturação capitalista, baseada na emergência de novos padrões tecnológicos neste final de século.

O PROCESSO DE EXPANSÃO DA SOJA NO CERRADO MATOGROSSENSE

A expansão da soja em Mato Grosso, assim como as transformações decorrentes da mesma, concentram-se nos últimos dez anos. Em 1980 esse estado produzia apenas 88.852 toneladas de soja. Já em 1985 esses valores se elevaram para 1.510.530 toneladas, duplicando a produção entre 1985 e 1990 e crescendo 79% entre 1990 e 1995. Atualmente Mato Grosso ocupa a posição de segundo maior estado produtor de soja do país, produzindo 5.498.104 toneladas, só superado pelo Rio Grande do Sul.

Em geral os cultivos se localizam na parte centro-oeste do estado, ao norte de Cuiabá, e no sudeste. São duas fortes manchas com ligeiras discontinuidades, alcançando regiões de distintas ecologias: a região de campos agrícolas, ao sul, a região dos cerrados e chapadões, a sudeste e a leste, avançando pela região do pantanal a sudoeste, aproximando-se ao norte da pré-amazônia matogrossense.

É na mancha situada ao norte de Cuiabá, onde se encontram os maiores produtores do estado, que a soja alcança maior expressão, destacando-se na safra 94/95 o município Campo Novo do Parecis, com 770.138 toneladas e Sorriso com 521.000. Ainda nessa região, completando a faixa contínua de produção de soja em larga escala, aparecem Nova Mutum, Diamantino e Lucas do Rio Verde, respectivamente com 388.296 toneladas, 351.780 toneladas e 332.100 toneladas. Esse conjunto de 5 municípios respondeu em 1995 por 44% da produção total do estado.

Na parte sudeste do estado as maiores produções se distribuem em espaços contínuos que englobam os municípios de Primavera do Leste (428.423 toneladas), Novo São Joaquim (277.200 toneladas) e Campo Verde (263.900 toneladas). Um pouco mais afastado, ao sul, destaca-se Itiquira com 332.045 toneladas. Esses 4 municípios contribuíram nessa safra com 25% da produção do estado.

Os dados do INCRA sobre a distribuição da terra para 1978, já indicavam extrema concentração da terra para a região centro-oeste. A tendência para os quinquênios subsequentes foi a intensificação do processo de reconcentração com redução do número de pequenas propriedades, avançando nas áreas anteriormente ocupadas por gêneros de primeira necessidade. Conforme afirma Graziano da Silva (1981), "uma vez que as terras foram apropriadas fundamentalmente como reserva de valor, coloca-se a questão de como realizar esse valor". A magnitude da ocupação territorial da soja na região indica a forma exemplar de realização do valor.

Na safra 94/95 a soja ocupa em Mato Grosso aproximadamente 2.280.360 ha, detendo esse estado a segunda maior área de produção do país, contribuindo com 20% no conjunto nacional. Entretanto, a magnitude da difusão espacial no tempo não revela correspondência com os índices registrados para a produção. Assim, entre 1985 e 1990, enquanto a produção cresceu 100% a expansão em área ocorreu em torno de 89%; entre 1990 e 1995 a produção aumentou 79% mas a área plantada cresceu apenas 47%; entre 1994 e 1995 a produção registrou níveis de crescimento da ordem de 12,7% contra 3,4% em área. No conjunto dos dez anos de expansão (1985 a 1995) o aumento da produção acusou 264% contra 177% da área, fato indicativo dos padrões tecnológicos aplicados no sistema produtivo.

Os levantamentos iniciais sobre a estrutura fundiária indicam que essa difusão ocorre em propriedades de área média em torno de 2.000 ha, embora a maior parte da produção esteja fortemente concentrada em pequeno número de grandes propriedades.

A produção de soja ocupa mais de 100 mil hectares em 9 municípios, distribuídos nas duas principais áreas produtoras do estado, cabendo destacar a expressiva área detectada por Campo Novo do Parecis, onde a soja se estende em 287.829 ha e Sorriso, onde ocupa 200.000 ha, ambos na parte centro ocidental do estado. Outro grupo de municípios que apresenta extensões que se enquadram entre 50 e 100 mil ha se distribui numa sequência espacial contínua, formando uma grande mancha concentradora de soja na parte sudeste do estado.

Esses espaços produtivos são palco de concentração de recursos e de implantações tecnológicas e condicionadores de articulações econômicas e técnicas que se difundem espacialmente, embora nem sempre de forma contínua, resultando em elevados níveis de rendimento. Neste estado, além do significativo aumento da área cultivada, conforme visto anteriormente, o destaque tem sido o rendimento médio das lavouras, resultante do adequado uso de tecnologia.

O uso intensivo de tecnologia nas condições do cerrado é indispensável, por ser a soja uma oleaginosa oriunda de zonas de clima temperado e adaptada para condições tropicais, exigindo muito adubo, principalmente em solos pobres em nutrientes, como fósforo e potássio, além de calcáreo para combater a excessiva acidez. Sendo o adubo mais caro no Brasil, pode-se avaliar o peso desses insumos nos custos da produção e os desafios a serem enfrentados para se tornar competitivo no mercado mundial.

Entretanto, o aumento do rendimento por área vem sendo maior nas novas áreas de expansão, a exemplo de Mato Grosso, ainda que o quadro natural seja menos favorável. Em 1994 esse estado apresentou o maior rendimento médio do país, em torno de 2.630 kg/ha, distanciando-se bastante da média nacional de 2.163 kg/ha, superando a média norte-americana de 2.530 kg/ha na safra 92/93.

Dos 52 municípios de Mato Grosso, selecionados por apresentarem mais de 1.000 toneladas de soja, um conjunto de 20 registra rendimento médio superior a 2.600 kg/ha, que é a média aproximada do estado. Contudo, vale destacar neste conjunto um grupo de 8 municípios com rendimento acima de 2.700 kg/ha, cabendo a Pedra Preta o maior índice do estado, alcançando na safra 94/95 o recorde de 3.012 kg/ha, seguido por Alto Taquari com 2.831 kg/ha. Um aspecto a ser ressaltado é que, com ligeiras exceções, a quase totalidade dos municípios apresenta rendimento médio superior a 2.000 kg/ha, revelando o elevado nível técnico aplicado.

O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL DA SOJA EM RONDONÓPOLIS

O complexo agroindustrial da soja em Rondonópolis apresenta certa especificidade que o distingue das conceituações mais gerais de complexos agroindustriais, estando bem mais sintonizado com a nova tendência do capitalismo na fase pós-fordista, procurando construir novos espaços econômicos e sociais, desenvolvendo e articulando atividades simultâneas, em condições de produzir produtos competitivos nos termos de uma economia global.

Atuando num espaço altamente capitalizado, onde os componentes da ciência, tecnologia e produção em grande escala constituem seus componentes, o complexo se compõe de várias atividades produtivas, interagindo em escalas variadas, através de diferentes estruturas

de produção, procurando ajustar-se à perspectiva de acumulação flexível que vem caracterizando a economia neste final de século.

Um primeiro aspecto a ser considerado é que o complexo sojífero de Rondonópolis não se restringe à sucessão de atividades, onde via de regra a indústria se sobrepõe às atividades agrícolas, correspondendo mais a um processo de industrialização da agricultura. No estudo que estamos desenvolvendo, uma variedade de atividades econômicas interconectadas a partir do produto soja podem ser identificadas, a exemplo da indústria de esmagamento, da pecuária de corte com gado selecionado, confinado ou semi-confinado, da suinocultura operando num sistema integrado de defesa ambiental, constituindo uma linha de montagem biológica, da avicultura com matrizes norte-americanas integradas à indústria de produção de frangos, com elevada capacidade de industrialização, além da piscicultura, com aproveitamento de sobras da suinocultura.

Esse conjunto de atividades, com elevado grau de articulação interna, se desenvolve a partir de novas exigências do mercado internacional, onde os componentes qualidade e competitividade são condições para participar do mesmo.

Nesse espaço aberto à competição interagem importantes setores a partir de dentro ou de fora do espaço do cerrado, a exemplo do complexo metal-mecânico, que fornece máquinas e equipamentos, do complexo químico, que fornece insumos, e do complexo agroalimentar, constituindo o complexo um espaço altamente capitalizado, com elevado componente de ciência e tecnologia, resultando na intensificação de fixos e aumento dos fluxos.

Evidentemente, num espaço altamente capitalizado como o que se vem construindo no cerrado matogrossense a partir da soja, onde a concorrência internacional impõe padrões de competitividade e, conseqüentemente, um novo ritmo e estrutura à produção, a atividade agrícola só se sustenta na produção em larga escala, priorizando um produto com capacidade de agregação de valor, como a soja. A agregação de valor é considerada uma importante estratégia no sentido de compensar a distância da região em relação aos principais centros consumidores ou aos tradicionais portos de exportação, possibilitando interação com os mercados no período da entressafra, articulando os diferentes tempos da produção, racionalizando e alcançando um aproveitamento máximo do espaço.

Dessa forma, o capital no complexo matogrossense vem procurando implantar sua própria lógica competitiva, na medida em que as condições do cerrado exigem um desenvolvimen-

to contínuo dos padrões tecnológicos, exigindo a criação de novas variedades de sementes, de técnicas de manejo do solo adequadas, de insumos e máquinas em constante processo de aperfeiçoamento, resultando na elaboração de novos padrões espaciais que conformam um tipo específico de complexo agroindustrial.

A análise das atividades do complexo agroindustrial da soja revela que o processo de inovação tecnológica no espaço agrário viabilizou o desenvolvimento do mesmo, com industrialização da agricultura, que passa a depender cada vez mais da base técnica, resultando na subordinação da agricultura à dinâmica industrial (KAGAYEMA e SILVA, 1987) e na integração de capitais que formam o elo do capital financeiro com a agricultura.

Uma economia desse porte exige a presença dos institutos de pesquisa. A EMBRAPA, a Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária, a Empresa Matogrossense de Pesquisa e Assistência de Extensão Rural (EMPAER), a APROSMAT, só para destacar alguns, estão presentes na região e fortemente articulados com as empresas., sem falar na pesquisa própria desenvolvida no interior de cada unidade produtiva. Nesta região a pesquisa se difunde espacialmente e os produtores se organizam para financiá-la, já que os recursos públicos são escassos, servindo a pesquisa a um conjunto amplo de produtores.

Alicerçado no novo paradigma técnico-científico de acumulação, em que a competição se acirra, o capitalismo nessa região procura diminuir constantemente os custos da produção, abrindo espaços para uma economia flexível que se estabelece em várias instâncias de recomposição do capital. Nesse sentido, procura capturar e incorporar pequenos setores capitalizados, seja a nível de parceria, como no caso da suinocultura e avicultura, articulando pequenos proprietários, seja no caso da terceirização, como o exemplo dos caminhoneiros, donos do seu próprio instrumento de trabalho. A força propulsora dessas novas uniões, parcerias ou contratação de serviços é a competição, levando os capitalistas a buscar novas estratégias para a reprodução ampliada do capital.

Segundo Muller (1989), as múltiplas atividades de um complexo resultam de planificação por parte do Estado para o lucro. Entretanto, no caso de Mato Grosso, ainda que o Estado tenha desempenhado importante papel ao impulsionar a ocupação dessa região de fronteira, atualmente a dinâmica de atuação do complexo depende muito mais da capacidade reprodutiva do capital local, com sua dinâmica própria, do que da capacidade de planejamento do Estado, como em outras épocas. No cerrado matogrossense os empresários vêm procurando fugir das

amarras da regulação e do planejamento estatal, sendo obrigados a criar muitas vezes sua própria infraestrutura, selecionando os espaços e as modalidades de produção mais adequadas à perspectiva de reprodução ampliada do capital.

Esses investidores privados possuem capacidade de direcionar os investimentos para espaços com alta capacidade de capitalização, onde a produção e a circulação no menor tempo possível é o que importa. Desde o seu nascimento o capitalismo procura reduzir o tempo de produção e aumentar assim o excedente a ser apropriado. Daí a máxima capitalista de que tempo é dinheiro. No complexo sojífero também tempo é dinheiro, e com os recursos da ciência e da tecnologia à disposição, tudo está disposto para que os fluxos hegemônicos do grande capital corram livremente, subordinando ou cooptando os demais fluxos, onde é possível produzir o máximo em larga escala e em menor tempo, onde a fluidez é a condição e a velocidade da acumulação determina as possibilidades de competição e ampliação do próprio mercado (SANTOS, 1994) como nova dimensão de regulação do sistema produtivo.

Enfim, o complexo agroindustrial da soja no cerrado matogrossense constitui um sistema que incorpora grandes produtores numa economia de escala, desde que capitalizados e com possibilidades de integrar-se numa de suas múltiplas atividades e articula médios e pequenos produtores em atividades complementares. Nessa perspectiva constitui um espaço com grande capacidade de inclusão, buscando no capital financeiro e no subsídio governamental, neste caso em escala decrescente, condições para reproduzir ampliadamente esse espaço econômico, que vai se constituindo com base na articulação do capital agrícola, industrial, comercial financeiro e pequenos capitais privados, com atuação em diferentes escalas que vai desde a local até a internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do complexo agroindustrial no cerrado matogrossense apresenta vários indicadores de inovação que o diferenciam de outros complexos agroindustriais existentes no país. No caso do complexo sojífero de Rondonópolis, a interação entre o local e o global já ocorre de forma sintonizada com a nova tendência do capitalismo na sua fase de acirramento concorrencial pós-fordista, procurando construir novos espaços econômicos e sociais de forma verticalizada, onde a interação de várias atividades econômicas diferenciadas formam um todo

competitivo a nível do mercado internacional, agregando valor ao produto de acordo com o comportamento desse mercado, capitalizando intensamente o espaço ocupado através do uso da ciência e tecnologia, contando com um sistema interativo de comunicações internacionalizada, compatível com a velocidade das decisões dessa nova estrutura produtiva.

Concordamos com MULLER (1989), quando afirma que em termos formais o complexo agroindustrial (CAI) pode ser definido como um conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários, controlando o mercado desses produtos já industrializados nas várias esferas da circulação.

Entretanto, no caso do complexo sojifero de Rondonópolis, as exigências do cerrado levam à constituição de um espaço econômico altamente capitalizado, com grande componente de ciência e tecnologia, portanto, muito mais aberto à instalação de novas plantas industriais, acirrando a competição entre empresas, estimulando maior circulação de máquinas e equipamentos, constituindo uma rede de fixos altamente capitalizada que interage com a indústria de máquinas e equipamentos instalada fora do espaço do cerrado, ampliando o espaço para a circulação de fertilizantes e insumos, beneficiando o complexo químico, acelerando a construção de uma nova rede de serviços em várias escalas, dinamizando e construindo novos ramos produtivos dentro e fora do espaço territorial do cerrado.

Nessa nova dimensão de atuação do complexo sojifero de Rondonópolis, é preciso compreender o mercado, hoje com revigorada função regulacionista do espaço produtivo, no contexto de um novo espaço econômico, muito mais abrangente, estabelecendo ligações mais intensas entre o local e o global em função de uma economia internacionalizada.

BIBLIOGRAFIA

AUBERTIN, C. (1988). Fronteiras. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília.

BERNARDES, J. A. (1997). "As estratégias do capital no complexo sojifero-Brasil". Trabalho apresentado no 6º Encontro de Geógrafos de América Latina, em março de 1997 e publicado nos Anais do Encontro.

BERTRAND, J.P. e C. Laurent. (1987). O mundo da soja. São Paulo, Hucitec-EDUSP.

CLAUS, O. (1995). Capitalismo desorganizado. São Paulo, Editora Brasiliense.

GRAZIANO DA SILVA, J. (1981). Modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro, Zahar Editora.

GIDDENS, A. (1991). As consequências da modernidade. São Paulo, Ed. UNESP.

HOBSBAWN, E. (1995). Era dos extremos. São Paulo, Companhia das Letras.

KAGEYAMA, A. et alii (1987). O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. UNICAMP.

KOSÍK, K. (1995). Dialética do concreto. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.

LANDES, D. S. (1994). Prometeu desacorrentado. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.

LIPIETZ, A. (1988). O capital e seu espaço. São Paulo, Nobel Editores.

MARX, K. (1978). "Manuscritos econômicos filosóficos". In: Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural.

MULLER, G. (1989). Complexo agroindustrial e modernização agrária. São Paulo, Ed. Hucitec/EDUC.

OHMAE, K. (1995). The end of the Nation State: the rise of regional economies. New York, Free Press.

SANTOS, M. (1994). Técnica, espaço, tempo. São Paulo, Hucitec.

SMITH, N. (1988). Desenvolvimento desigual. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil

